

(PO)ÉTICAS DO ENCONTRO: REPRESENTAÇÕES DO DESLOCAMENTO EM *TERRA DE ICAMIABA* E *RELATO DE UM CERTO ORIENTE*

(PO)ETHICS OF THE MEETING: REPRESENTATIONS OF *TERRA DE ICAMIABA*
AND *RELATO DE UM CERTO ORIENTE*' S DISPLACEMENT

Nathassia Maria Farias Guedes*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as narrativas *Terra de Icamiaba*, publicada em 1934, do paraense Abguar Bastos, e *Relato de um certo Oriente* (2008), do manauara Milton Hatoum, vindo a público em 1989. Ambas as narrativas são moldadas com base em memórias e deslocamentos, de grupos marginalizados, atrelados a um discurso de construção da Amazônia, a partir do Ciclo da Borracha, bem como da emancipação amazônica, no final da década de 1980. Acostados à perspectiva que os romances escolhidos para análise são construídos a partir da experiência de exílio, da errância e deslocamento, alicerçados, ainda, na observação que seus *eu locais* já são revestidos de *eus globais*, intentamos refletir sobre a representação literária desses grupos, cuja identidade coletiva se reveste de sentido negativo, ora pela cultura dominante, ora pela orientação social coletiva. Esse estudo tem ainda como escopo entender de que forma figuram os deslocamentos locais e globais.

PALAVRAS-CHAVE

Representação; deslocamentos; memória; grupos marginalizados.

ABSTRACT

This article aims to analyze the narratives *Terra de Icamiaba*, published in 1934, by the Paraense Abguar Bastos, and *Relato de um Oriente* (2008), by the Manauara Milton Hatoum, which was made public in 1989. Both narratives are shaped by memories and displacements, from marginalized groups, tied to a discourse of Amazon's formation, from the Rubber Cycle, as well as of Amazonian emancipation, in the late 1980s. Lying to the perspective that the novels chosen for analysis are constructed from the experience of exile, from the errancy and displacement, based therefore, on observation that its local selves are already covered with global selves, we intend about the literary representation of these groups whose identity is covered in negative meanings, either by the dominant culture, or by the collective social orientation.

KEYWORDS

Representation; displacements; memory; marginalized groups.

* Universidade de Brasília (UnB).

Distantes pelo tempo, mas unidas no *locus* panamazônico, *Terra de Icamíaba* e *Relato de um certo oriente* enfocam, distintamente, a partir de grupos marginalizados, o Ciclo da borracha, cujo contexto de exploração contribuiu para enriquecer – ou tornar mais miseráveis - os trabalhadores locais, os estrangeiros ou magnatas. O Ciclo da borracha foi um dos mais importantes momentos históricos no Brasil, cuja movimentação econômica e social, relacionada à extração do látex pôs em evidência as terras do Norte. O Ciclo da borracha permitiu uma maior visão do norte do país, antes desconhecido, fazendo com que os novos integrantes dessa região – empresários ou somente exploradores – levassem novidades culturais e sociais impulsionando o desenvolvimento de várias cidades nortistas, a exemplo de Manaus e Belém (a Paris n´América), capitais. Esse contexto também acrescentou à criação de territórios no Brasil, como o Território do Acre, antes terra boliviana, em 1903.

Não obstante as diferenças de contexto histórico, a obra de Abguar Bastos – publicada, inicialmente em 1930, sob o título *Amazônia que ninguém sabe e*, posteriormente com o título atual, em 1934 -, narra o deslocamento de outras culturas pelo território brasileiro e a de Hatoum, também mergulhado na textura das movências, amplia os olhares do contato para a presença de outros atores culturais como alemães, franceses, libaneses e portugueses.

Colocados em relação, os dois romances se voltam para o universo da construção do espaço, do testemunho, numa perspectiva identitária relacionada aos costumes, tradições e contextualização das transformações sociais e políticas no espaço em destaque, a partir da visão cosmopolita do deslocamento dos autores intelectuais amazônicos. Portanto, são textos cuja aderência estética e cultural impulsionam a lógica e dinâmica do trânsito para além das fronteiras nacionais, reposicionando o leitor frente às camadas discursivas dialógicas cada vez mais móveis e plurais.

Ao estudarmos essas tessituras notamos os vestígios dos deslocamentos memorialísticos, testemunhais e culturais, a partir do mapeamento dos trânsitos ficcionais de nativos e estrangeiros -libaneses, judeus, marroquinos e holandeses, entre outros - marginalizados. Esses grupos, são compreendidos aqui como qualquer grupo que passa por “uma identidade coletiva que recebe valorização negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério” (DALCASTAGNÈ, 2007,

p.20). Além disso, buscamos examinar como se dá a representação dos traumas, nessas duas narrativas literárias, reconhecendo de que maneira é forjada a criação do *eu local* que se encontra enraizado dinamicamente nas relações globais. Desse modo, entre o olhar para dentro e fora da cultura brasileira, os narradores de Hatoum e Bastos cartografam, literariamente, a poética do deslocamento no imaginário intercultural contemporâneo.

O romance *Terra de Icamíaba* narra a história de Bepe, protagonista e filho de um imigrante cearense com uma paraense. Após seus estudos no seminário de Belém, capital, Bepe retorna ao Lago do Badajós, para cuidar das terras herdadas de seus pais. Ao chegar às terras, o protagonista percebe que a vida local é caracterizada através da exploração dos mais pobres por políticos locais, como o Coronel Epifânio e por aqueles que detinham o capital estrangeiro, como os regatões Calabar (judeu), Amar (marroquino) e Lazaril (holandês). Ao ter suas terras, trabalhadas há anos pelo seu pai, tomadas e entregues ao agiota Lazaril, Bepe inicia uma cruzada em busca de justiça comprometida com os menos favorecidos e escrupulosa com as punições. Sua trajetória de luta é moldada na tessitura a partir da apresentação de um personagem pertencente à maioria marginalizada. O protagonista da narrativa acredita em uma remodelação da Amazônia através de uma luta revolucionária, liderando caboclos, negros, migrantes nordestinos e índios contra aqueles que detinham o poder econômico – estrangeiros e poderosos da região.

Não somente relacionada ao menino pobre herói que retoma suas terras, em *Terra de Icamíaba*, também observamos a marginalização dos estrangeiros ricos. Nessa obra, notamos que o trauma está ligado a uma ideia de deslocamento, o qual é forçado, em sua grande maioria, e acaba produzindo nos presentes uma memória reatualizada constantemente pelo preconceito preconcebido dos povos que chegaram às terras amazônicas. A exemplo dos estrangeiros no romance de Bastos, esses deslocamentos são históricos e mostram que essas comunidades, ligadas ao comércio, já sofrem um estigma social. Os estrangeiros presentes em *Terra de Icamíaba*, ainda que pertencentes a uma classe alta no romance, também se apresentam como grupos marginalizados, a partir da xenofobia vivenciada por eles. A memória coletiva é muito viva por trás desses sujeitos e o narrador de *Terra de Icamíaba* deixa claro que seus personagens estrangeiros são historicamente construídos pela memória sobre eles, mas nem sempre correspondem à realidade.

Diante disso, a memória coletiva - pela força que apreende - acaba movendo as pessoas e inserindo marcas sociais nesses grupos que se deslocaram.

O romance de Bastos utiliza um recorte temporal que vai do auge do Ciclo da borracha - iniciando em 1877, na chegada dos protagonistas ao Pará, até sua decadência - que acentua a crise da borracha e evidencia um estado em decadência social, política e conseqüentemente econômica. O estado do Amazonas é descrito como um paraíso outrora belo e produtivo em detrimento do descaso político após o Ciclo da borracha. Esse cenário será encontrado em *Relato de um certo oriente*, de Hatoum, na Manaus de 1950.

Primeiro de seus vários romances, *Relato de um certo oriente* é composto de oito capítulos e tematiza os dramas familiares diários e seus comportamentos. A narrativa apresentada possui uma estrutura mesclada de vários relatos individuais, mas que se agregam e se combinam de forma a complementar um ao outro, a partir de passagens (re) visitadas por vários narradores. Cada relato descrito apresenta as dificuldades vividas e escolhas realizadas por cada personagem, seus segredos, seus comportamentos, a exemplo do marido de Emile, sempre resistente à presença da cultura brasileira e à religião católica. Em sua descrição, observamos um homem que, ainda que não realizado com a gravidez da filha Samara aos quinze anos de idade, buscava unir os irmãos durante a narrativa. O filho preferido de Emile era Hakin que se deslocou e absorveu novas visões culturais.

Essas memórias, permeadas de um subjetivismo forte, são encaixadas e complementadas a partir da reunião de pequenos relatos narrados no romance *Relato de um certo oriente* e traçam a formação identitária desses encontros e deslocamentos. Nessa obra, Hatoum buscou destacar o indivíduo e seu isolamento perante o coletivo, à medida que aquele se interioriza e se refugia em suas memórias de modo a não se comunicar com outro mundo que não o seu. Esse refúgio, ligado à construção de uma identidade da protagonista revela, a partir das memórias que surgem de todas as formas (cheiro, vozes, lugares), a caracterização do *locus* Manaus e traz à tona costumes, línguas e a diversidade cultural dessa cidade - natal de Milton Hatoum - intelectual cosmopolita que respira novas sensações urbanísticas em paralelo com tradições nortistas; uma cidade provinciana, mas mesclada de culturas e tradições que vive o fim do Ciclo da borracha.

Inserido nos processos de globalização e na visão cosmopolita, os personagens estrangeiros de *Relato de um certo oriente* e *Terra de Icamiba* se

adequam à visão que Silviano Santiago, em seu texto “Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolita pobre” (2016), traz, o qual destaca uma comunidade cosmopolita que, por necessidade, não consegue se fixar em um único território:

Se o movimento for compreendido pelo sentido mais amplo do vocábulo diáspora, logo se desnuda o motivo ou a causa que, nos séculos XX e XXI, compele o indivíduo ou os familiares em grupo a abandonar o lar e a viajar em busca de melhores oportunidades. Em casa, os futuros migrantes foram afligidos com a pobreza e, nos casos extremos, com a miséria. Muitos são analfabetos e não têm profissão definida. Vivem como animais. Talvez sejam eles (homens e mulheres, velhos e crianças) os últimos espécimes humanos a crer na utopia da viagem e no Eldorado. Se fracassados, os desbravadores honestos e amorosos transformam-se nos mais desesperados mortais, sucumbindo a toda forma de comportamento desviante e de negócio ilícito. As páginas dos jornais nos informam com brutalidade (SANTIAGO, 2016, p. 16).

Dessa forma, cada narrador repassa sua voz, oscilando entre um e outro, passando uma percepção - conforme leitura das narrativas - do espaço amazônico e em contato com outras comarcas culturais. A partir disso, a forma como discurso latino - americano passa a ser produzido e como esses narradores pós - coloniais vão retraduzindo quais são as especificidades da cultura amazônica se entrelaçam com as tensões entre as culturas locais - e aquelas globalizadas, destacando os grupos marginalizados em Hatoum, a exemplo dos estrangeiros *versus* brasileiros.

Em *Terra de Icamiba*, o narrador não é cosmopolita, pois não transita por diferentes mundos - diferente dos narradores de Milton Hatoum que se mostram dessa forma. O trânsito de deslocamento em *Terra de Icamiba* se dá por um deslocamento mais físico, pela presença de estrangeiros no território amazônico. A partir disso, esse narrador captura essas nuances do deslocamento físico, apesar de não deixar de fazer um deslocamento simbólico, pois ele está inserido na memória das personagens, com o intuito de retirar alguma aprendizagem desse movimento do encontro. Nesse sentido, compreendemos a noção de uma po (ética) dos encontros, ao mesmo tempo que o sujeito se encontra, de diferentes regiões e culturas e consegue perceber que são nutridos por uma ética, por um comportamento mais aberto - ou de ojeriza, de medo de interagir com outro.

Permeando esse pensamento, Abguar Bastos abre uma porta para a entrada do estrangeiro, do outro, da alteridade e, a partir desse caminho, ele mapeia alguns deslocamentos físicos – holandeses, marroquinos, libaneses, judeus -, pois não há preocupação em considerar mais apenas uma única raiz cultural. Consoante esse pensamento e traçando um caminho mais além, Milton Hatoum, ao abrir essa porta

expõe o imaginário amazônico e, desse modo, podemos perceber a diversidade de olhares que seus narradores vão nos apresentando. Nesse contexto, encontramos uma Amazônia híbrida, inserida nesse processo de globalização, de internacionalização. O narrador do *Abguar Bastos* está territorializado em um contexto amazônico, mas, à medida que insere a presença do estrangeiro, ele se desterritorializa. Em Milton Hatoum, os narradores já são desterritorializados de uma essência, não conseguindo identificar uma raiz principal, definir integralmente quem eles são. No romance *Terra de Icamiba*, seguindo esse pensamento, o narrador se define como um sujeito pertencente a um *eu local*. Entretanto, ao se definir como um *eu local*, ele acaba por se perceber, também, como um sujeito contraditório. Tal contradição é ocultada em *Terra de Icamiba* e extrapolada em *Relato de um certo oriente*. Dessa forma, em relação ao sujeito, não haverá mais uma preocupação em afirmar acerca de uma única raiz cultural.

Desse pressuposto, acomodamos o entendimento de Sérgio Buarque de Holanda, o qual, em sua obra *Raízes do Brasil*, o historiador, a partir da abordagem de aspectos importantes em nossa cultura brasileira, traça uma interpretação de nosso processo de formação social trazendo suas múltiplas raízes brasileiras. Sendo algumas vezes múltiplos, plurais, ao focarmos nesse processo como único, perdemos, muitas vezes, a alteridade de cada camada, uma singularidade de cada estrato cultural - de cada alteridade cultural - que é, muitas vezes, abafada em algumas narrativas. Conforme observamos em Zilá Bernd (2013):

O desejo de considerar os conceitos de errância e de nomadismo para falar do homem da modernidade tardia provem da constatação de que nos enraizamentos identitários podem ser nefastos e gerar cisões e preconceitos [...] criando a metáfora do nomadismo para referir-se às multiplicidades de identificações dos indivíduos que substituem a identidade de raiz única, afirma que o deslocamento que salva, e não o enraizamento (BERND, 2013, p.148).

A partir da análise de nossos romances percebemos que ambos propõem um movimento de cartografia de alteridades que foram abafadas durante muito tempo. Os narradores presentes nos romances trazem ao centro narrativo o que se encontra perdido à margem da narrativa e o fazem com o intuito de compor o deslocamento como um elemento de agregação - e não como fonte de separação -, de interligação dessas experiências constituídas desde seu processo de criação.

A construção das memórias e das narrativas de testemunho são evidenciadas a partir da narração dos personagens, conforme observado, da gente que trabalha

nessas regiões, bem como na descrição minuciosa dos costumes e tradições locais, em Hatoum e da política e vida social anunciadas em Bastos. Os traços distintivos que irão tecer as duas narrativas, escritas em épocas diferentes, servem de apoio complementar à construção do passado nortista. As memórias de infância da narradora de Milton Hatoum, em *Relato de um certo oriente* são similares ao testemunho de vida das personagens de Abguar Bastos, em *Terra de Icamiba*. A luta por melhores condições de vida, a diversidade cultural, a variedade linguística e religiosa são algumas percepções que encontramos nos romances.

A leitura dos dois romances nos apresenta a importância do retrato histórico-político-social realizado pelos escritores que moldam suas obras, a partir de memórias - como vemos em *Relato de um certo oriente* - ou a partir da apresentação de personagens marcados pelo desejo de mudanças sociais - como observamos em *Terra de Icamiba*. Dessa observação, nos voltamos à memória e ao testemunho evidenciados em ambas as obras e que funcionam como uma exposição da vida local, no contexto histórico do Norte no século XIX e XX, daqueles que viveram ou experimentaram e que se distanciam dos discursos dos que não estiveram. A infância descrita em *Relato de um certo oriente* nos enlaça na diversidade cultural manauara e *Terra de Icamiba* nos oferece a visão heterogênea das lutas das camadas inferiores, de grupos marginalizados, contra as camadas que oprimem o homem e o torna mais miserável, não deixando - essas camadas superiores - de também sofrerem preconceitos.

Esses grupos, postos à margem, compõe as vozes que irão moldar as narrativas, seja a partir do relato da xenofobia, seja pelo discurso heroico de luta do homem pobre. Adentrando esse território, Regina Dalcastagnè, em seu livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012) destaca que, no romance contemporâneo, setores marginalizados foram subalternizados pelos narradores que não estavam acostumados em pôr na cena narrativa personagens que eram considerados um expurgo da sociedade e, dessa forma, não precisavam ser apresentados:

Essas cidades são domínio de poucos, afinal, barreiras simbólicas determinam o lugar de cada um. Algumas áreas são vedadas aos pobres e aos malvestidos, exceto quando se encontram na posição de serviçais, ao passo que outras, as mais degradadas, são seu domínio. As ruas são dos homens e as mulheres, até bem pouco tempo atrás, permaneciam confinadas na esfera doméstica. As cidades, então, são território de aglutinação, de encontro de pessoas de diferentes procedências e de segregação. [...] o romance contemporâneo privilegia a representação de um espaço social restrito. Suas personagens são, em sua maioria,

brancas, do sexo masculino das classes médias. Sobre outros grupos, imperam os estereótipos. As mulheres brancas aparecem como donas de casa; as negras como empregadas domésticas ou prostitutas; os homens negros, como bandidos. Assim, o campo literário, embora permaneça imune às críticas que outros meios de opressão simbólica costumam receber, reproduz os padrões de exclusão da sociedade brasileira (DALGASTÁGNÈ, 2012, p. 14).

Conforme observado, Regina Dalcastagnè (2012) coloca na estética dos vestígios, aquelas pessoas que não foram reconhecidas na construção de uma narrativa. As vozes narrativas presentes em ambas as obras nos oferecem, a partir da perspectiva do homem marginalizado, uma nova abordagem literária apontando que tais tessituras abrangem as camadas inferiores não apresentadas em romances contemporâneos.

Esse relato testemunhal oferecido pelos escritores, contribui para uma nova visão dos acontecimentos históricos como o Ciclo da borracha, que conta a vida e luta dos trabalhadores, da resistência destes à uma vida de fome, da política corrupta, do judeu que endivida o imigrante ignorante - mas que também sofre preconceito -, da mulher violentada, enfim, de grupos postos à margem da sociedade. Esses registros são o foco central de ambas as narrativas e trazem, a partir da voz de seus personagens - a exemplo da narradora de *Relato de um certo oriente* - uma (re)visitação do passado e sua ligação com o desenvolvimento da cidade de Manaus e da própria região Norte. Tal desenvolvimento é impulsionado por fatos históricos que são conectados à composição de culturas, cores, raças e religiões. Em *Terra de Icamitiba*, o protagonista vivencia no presente todos os dilemas morais, políticos, econômicos e sociais que desalinham em várias tragédias pessoais.

Ao analisarmos as obras recortadas para análise, observamos registros de acontecimentos políticos, sociais e históricos reais ou ficcionais. Essas narrativas são cunhadas de violência observadas a partir da memória dos protagonistas que trazem através de seus testemunhos, uma literatura mais móvel/aberta/transversal aos fatos locais que descreve as cores, a cultura e a violência social. Conforme nos orienta a pesquisadora Valéria de Marco, em seu artigo *Literatura de testemunho e a violência de estado* (2004), a literatura de testemunho, encontrada nas memórias das personagens acima, é muitas vezes conectada a uma escrita permeada de violência. Esse pensamento também é defendido por Marli Fantini Scarpelli (2008), que destaca a violência nessa representação:

A expressão literatura de testemunho tem circulado em livros, em revistas literárias e mesmo na grande imprensa com intensidade crescente desde 1990. Às vezes seu

significado é impreciso, mas certamente o leitor comum não mais a associa à visão do texto literário como um testemunho de seu tempo, entendimento do senso comum que alude à sua capacidade de representar, com mediações formais, o processo social em que se inscreve sua produção. Nos últimos anos, a expressão remete sempre a uma relação entre literatura e violência (DE MARCO, 2004, p. 45).

O “testemunho” constitui um novo gênero que diz respeito à relação entre literatura, violência e trauma [...]. Por conseguinte, o relato testemunhal é um gênero que oferece suporte à representação do irrepresentável, um discurso capaz de desencadear uma rede de solidariedade entre vítimas de opressão, violência e toda sorte de traumas. (SCARPELLI, 2008, p. 78, grifos da autora).

Acerca da memória, *corpus* inerente à literatura de testemunho, a pesquisadora Bárbara Caldas assegura que nesse processo de recuperação da memória, através de relatos testemunhais, ela traz os fatos e as experiências vivenciadas pelos narradores ou por outros que têm suas vidas narradas completando um buraco histórico deixado pela história oficial. Como cita Bárbara Caldas (2010), “A memória também funciona como um procedimento seletivo no discurso dos testemunhantes, pois ao narrar, inevitavelmente, resgata-se a história e com ela a experiência vivida” (CALDAS, 2010, n.p.).

Diante disso, a memória resgatada como personificação de um preenchimento espacial tem em seu escopo o testemunho, a representação dessa volta ao passado e a compreensão de uma nova realidade histórica. Ambas as narrativas têm como foco central a apresentação de determinados acontecimentos baseados em traços memorialísticos. Esses momentos ocasionam o trauma a seus personagens, seja através do determinismo político, histórico ou ainda social – aqui observada a violência gerada na fome/miséria. As duas obras são envoltas em objetivo de expor os problemas reais oriundos de uma nova colonização – em ambos os casos, no Norte, pelo Ciclo da borracha – que constrói, destrói e reconstrói uma comunidade outrora desconhecida e posteriormente exposta e vivida pelo hibridismo cultural.

Esse hibridismo pode ser percebido quando a protagonista volta à sua cidade após duas décadas percebendo um novo espaço. Esse retorno é o pontapé inicial para a descrição da memória da protagonista, a exemplo da morte de Emile, sua mãe adotiva. Inicia-se, portanto, uma tentativa de recuperação dessas memórias que serão preenchidas não somente pela vivência com Emile, mas também com a inserção dos demais personagens na narrativa. Em seu relato de memórias, a narradora enumera alguns itens que decoram a casa. Tais objetos servem de auxílio para a construção da trama, uma vez que trazem à narrativa a cultura oriental e seu significado na vida da narradora. No decorrer do romance de Milton Hatoum observamos que objetos e a

própria decoração vão contribuindo para a composição das vozes narrativas presentes na obra. Conforme nos orienta Regina Dalcastagnè, em seu ensaio “Diante de uma poética de tralhas”,

Ao nos determos na composição dos espaços da narrativa brasileira contemporânea é preciso indagar, antes de mais nada, a quem eles servem. Muitas vezes, basta observar o modo como ele é preenchido para intuímos as personagens que o habitam [...] Mas as coisas podem, ainda, ser superfície de memórias [...] É a partir da lembrança desses objetos sem nenhum valor de troca que o narrador retoma momentos felizes de sua vida — a expectativa do encontro com sua jovem esposa, o silêncio das noites, olhando abraçados o céu estrelado, a alegria das pequenas descobertas no jardim. Talvez seja justamente a imperfeição dos objetos, as marcas deixadas neles por outros usos que lhes garanta a porosidade necessária para a absorção de novas histórias. *É que, além de definir o lugar, as coisas o povoam de sentido e marcam um espaço afetivo que se transforma em memória para, em seguida, se fazer narrativa* (DALCASTAGNÈ, 2016, p.14-17, grifos nossos)

Com a missão de relatar ao irmão que mora em Barcelona, os últimos acontecimentos, a protagonista regressa à sua infância e acentua os dramas e querelas que marcaram sua vida familiar. Em seu processo de resgate de sua vida, a protagonista descreve um pedaço da casa que se encontra, atualmente, na cidade de Manaus. Em sua descrição, ela identifica traços da cultura do Oriente, como um tapete de Isfahan, ideogramas da China e até um elefante indiano. Objetos esses, consumidos pelos ocidentais acentuando o hibridismo cultural naquela cidade.

O trauma evidenciado nos romances está ligado a uma ideia de deslocamento desses povos, a exemplo dos marroquinos, judeus e libaneses, em *Terra de Icamiaba* e em *Relato de um certo oriente*. Ao se deslocarem, esses povos produzem uma memória que se enriquece surgindo uma memória grandiosa e histórica. A leitura das narrativas aponta como essas comunidades vão a lugares remotos e acabam chegando à Amazônia, Manaus e Belém. A memória trazida pelos narradores, em especial em Milton Hatoum, é construída a partir de vestígios de poéticas dos deslocamentos. Como destaca Bernd (2013, p.153), “a rememoração dos vestígios memoriais permite a esses escritores da migração dar um novo sentido a seu presente iluminando-o com uma luz nova”. Essa memória alcançada tornar-se uma memória do trauma, uma vez que os narradores não conseguem recuperar integralmente episódios experienciados. Desse entendimento, surge uma noção de vestígio, a ideia de um traço, que vão ficando pelo europeu nesse território do novo mundo. É nesse universo, cuja noção de vestígio permanece, que os narradores de Abgvar Bastos e Milton Hatoum vão tentando reconstruir esse itinerário do deslocamento.

Em *Terra de Icamíaba* e *Relato de um certo oriente* os narradores estão em constante processo de viagem, seja pela questão linguística ou comportamento das personagens e, ao descrever esse comportamento, eles viajam dentro da língua do outro, dentro do imaginário. A língua, elemento de suma importância presente nas narrativas - em especial em Milton Hatoum é apresentada a partir de diferentes estratégias discursivas, a exemplo da personagem Emile que tinha vontade em manter sua língua natal.

Em *Relato de um certo oriente*, a narradora organiza discursivamente as vozes encontradas no romance não permitindo que uma voz se sobreponha à outra, construindo, dessa forma, um romance polifônico e, por consequência, uma Amazônia heterogênea. São vozes equipolentes, equiparadas nesse universo. A partir disso, as memórias vão se tornando voláteis à medida que os narradores se percebem estrangeiros em seus próprios processos de narração. Os narradores não conseguem mais se perceber únicos, mas diversos; e essa diversidade cultural é encontrada na construção da memória, com vestígios e traumas das personagens. Nesse sentido, a memória construída desses povos está ligada à tradição dessas comunidades estarem inseridas no comércio, criando, assim, um preconceito ao judeu (antissemitismo), ao sírio, ao libanês e demais estrangeiros. Há constantes travessias, trânsitos desses sujeitos. Partindo desse princípio, pode-se entender que os narradores de Bastos e Hatoum estão imersos no contexto de ler, traduzir e ressignificar os vestígios dos contatos culturais. Logo, as estratégias narrativas articuladas para testemunhar o outro passam pela leitura do imaginário transfronteiriço. Desse imaginário, entendemos haver um movimento de transculturação que é o exercício de ultrapassar, de afrontar essas fronteiras, de ir e vir de lugar.

Em *Terra de Icamíaba* e *Relato de um certo oriente*, os narradores assumem essa cultura da transculturação. Mais precisamente na obra de Milton Hatoum, os narradores ultrapassam as barreiras do exótico, do isolacionismo e começam a reconhecer que o seu lar pode ser uma alteridade. Na narrativa de Hatoum há “[...] o entrelaçamento das identidades culturais que se definem e se transformam em ressonância uma com as outras” (BENESSAIEH, 2012, p. 85 apud BERND, 2013, p. 220). Desse pressuposto, compreendemos que os escritores perpassam a transculturação, quando traduzem, leem, compreendem o território, a língua, a cultura

contida em si e no outro, representados por suas personagens estabelecendo diálogo tangível de uma poética do encontro, de tradição.

Se, a priori, a adição de traços culturais de outros povos, por muito tempo, foi vista como um sentido negativo - como observamos em nosso Romantismo e Realismo brasileiros que buscavam trabalhar nossos romances com cores e costumes locais -, hoje, essa adição aos traços comportamentais faz com que o eu seja reinserido no mundo globalizado, nas trocas culturais, no reconhecimento do outro. Faz-se necessário a construção de uma estética transcultural, intercultural, que ultrapasse a fronteira, reconhecendo e divulgando a fronteira do outro. Nesse entendimento, os traumas, as memórias, os vestígios observados nos romances são evidenciados no deslocamento de um sujeito para outro país ou *locus*. Esses vestígios, traços vão permanecendo na memória do sujeito e são lembrados na narração proposta pelos escritores. A narradora de Hatoum busca cartografar os vestígios de deslocamento reconstruindo suas andanças (Manaus- São Paulo – Manaus) e, ao se perceber incapaz de reconstruir a memória pela experiência do deslocamento de forma completa, ela dá voz aos demais narradores para que, junto a ela, eles afrontem as fronteiras do narrar. Essa prática narrativa adotada por Hatoum é uma estética do vestígio, uma poética do encontro.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Abguar. *Terra de Icamiba* (romance da Amazônia). 2. ed. São Paulo: Andersen-editores, 1934.

BERND, Zilé. Ler as literaturas da migração a partir de vestígios memoriais. In: _____. *Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros*. Belo horizonte: Fino Traço, 2013. p. 145-160.

CALDAS, Bárbara. A voz do outro em evidência: a literatura testemunho na América latina. *Revista Litteris*, n. 5, jul. 2010.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. 1. ed. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012. v. 1.

_____. Diante de uma poética de tralhas. *Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco*, p. 14-17, 2016. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/edicao-impressa/71-ensaio/1520-diante-de-uma-po%C3%A9tica-de-tralhas.html>>. Acesso em: 9 ago. 2016.

_____. A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de Hoje*, v. 42, p. 18-31, 2007.

DE MARCO, Valéria. A literatura de testemunho e a violência de Estado. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 62, p. 45-68, 2004.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTIAGO, Santiago. Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolita pobre. In: OLIVEIRA NETO, Godofredo de; CHIARELLI, Stefania (Org.). *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. p. 15-32.

SCARPELLI, Marli Fantini. Na era do testemunho. *Via Atlântica*, n. 13, p. 73-98, dez. 2008.

*Recebido em 16/12/2018.
Aprovado em 16/03/2019.*